

Resenha

FARACO, Carlos Alberto. Norma Culta Brasileira: Construção e Ensino. – 1 ed. Parábola Editora: São Paulo, 2015.

Glaucia Regina Santos Domingos
PPG/UEMS

No livro a Pedagogia da Variação Linguística, inicia o primeiro capítulo com o texto intitulado “Norma culta brasileira: construção e ensino” de autoria de Carlos Faraco. Nesse texto o autor Faraco chama atenção sobre os aspectos da realidade e da história da sociolinguística do português do Brasil.

Neste presente texto o autor nos convida para fazer uma reflexão crítica sobre aspectos das realidades da história da sociolinguística do português no Brasil, e importante observamos como e instituída e reconhecida como língua oficial e padrão da sociedade, e esta língua deve fazer parte das instituições escolares.

Conforme o autor Faraco (2015, p.19), e preciso discuti nossa cara linguística, nossa história, desse modo, o contexto histórico nos faz recordar o passado, e nos aponta para os problemas do presente em particular sobre a nossa realidade e história normativa, que sustentar o ensino da norma padrão, reforça cada vez mais a afirmativa da homogeneidade linguística como objetivo de democratizar o acesso a expressão culta e ao seu domínio.

Enquanto linguistas e educadores e nosso dever promover discussões que contribuam para o esclarecimento dos nossos problemas linguísticos, cujo objetivo seja de reconhecer a nossa diversidade linguística no Brasil. Ainda Faraco nos esclarece que o mais importante e discorrer as normas e valores culturais que constituíram nossa sociedade, sendo assim, a variação linguística, mais especificamente a variação social.

Para o autor, a língua continua sendo alvo de discriminação social seja nos espaços escolares, e em outros meios de convívio social. Por esse motivo, o autor aponta que é um equívoco a afirmação de que a variação linguística não deve ser disciplina de ensino na educação básica. Dessa maneira, como desenvolver uma prática pedagógica da variação linguística na instituição escolar, para uma comunidade que não reconhece e nega a sua diversidade linguística, mas essa situação é devido o resultado da formação da sociedade.

Consequentemente, não se trata apenas de desenvolver uma prática pedagógica que garanta o domínio das práticas socioculturais, e das respectivas variedades linguísticas. Devido o grau de repulsa social das variedades populares, o grande desafio a construção de toda uma cultura escolar que seja capaz de compreender a crítica da discriminação pela linguagem e esteja pronta para combater e que torne possível a compreensão da heterogeneidade linguística do país, que aborde o contexto social e suas particularidades atuais. Portanto, esse aprendizado deve abranger toda a comunidade escolar.

De acordo com Faraco (2015) temos políticas de valorização da diversidade cultural, mas a mesma valorização não inclui a diversidade linguística. Sabe-se que a língua e sociedade constituem-se juntas, que não há possibilidade de formação da sociedade sem a língua.

Diante dessas considerações, o livro aqui apresentado tem o objetivo de conduzir o leitor a uma reflexão a respeito da Sociolinguística Educacional, que seja capaz de subsidiar as práticas pedagógicas no ambiente escolar de maneira a conduzir os alunos a compreenderem e respeitarem a diversidade linguística, da qual estão inseridos, que fazem uso enquanto sujeitos falantes.

O autor defende que é suma importância refletirmos sobre a nossa diversidade sociolinguística, considerando o contexto histórico e como foi instituída a norma culta em nossa sociedade.

A partir dessa perspectiva Faraco apresenta proposta que fundamenta um novo cenário para nossas práticas de ensino que valorize mais a nossa identidade linguística, ao invés de tentarmos nos encaixar em uma língua imposta pelo colonizador, ou seja, mais conhecida por norma culta, que deve ser ensinada para a sociedade.

Percebe-se que há um discurso conservador que nega a ideia de que a variação linguística deve ser incluída na educação básica. Portanto, no espaço escolar, fica evidente com o usos dos livros didáticos que excluem a variação social, consequentemente, essa e verdadeira questão a ser resolvida, pois, esta prática de ensino contribui para gestos de discriminação dos falantes.

Na sequencia Faraco (2015), o objetivo desse texto é precisamente refletir sobre a questão da chamada norma culta. Fala-se em norma culta como se todos

compreendessem do que precisamente se trata como essa expressão culta interfere na nossa realidade e história social.

Por conseguinte, Faraco refere-se a dois fatores que corroboram para fortalecimento da norma culta do país, o primeiramente após a independência, segundo a criação da gramática. Dessa maneira, o objetivo de recorrer a esses dois fatores, tem a intenção de explicar a questão da norma culta, e a partir desse esclarecimento compreender como esses dois fatores, fortalecem o preconceito linguístico, mas também o social e político.

Logo, o autor aponta que após a independência houve a tentativa da elite letrada do Brasil, em adotar o ensino das características do português culto europeu. Portanto, o intuito da elite letrada brasileira de construir aqui uma sociedade branca europeia, e esta ação significava apagar a realidade de uma sociedade que se fortaleceu através da escravidão do povo africano, e com silenciar os povos originários.

O segundo fator é criação de uma gramática normativa com algumas características efetivas do português culto europeu que seria utilizada pelos escritores modernos.

Tem-se um percurso histórico que nos faz recorrer nossa identidade linguística, nos fazendo negar a nossa variação linguística, dessa forma somos forçados a adotar a língua e gramática normativa artificial do colonizador.

A sociedade brasileira é configurada por traços inerentes as práticas colonialistas, sendo assim, uma sociedade dividida no aspecto econômico, por consequência em aspectos culturais e linguísticos.

A partir dessas questões, a escola ao priorizar essas práticas tradicionais de ensino descritivo do português através da norma padrão, este ensino impede que o aluno reconheça sua diversidade linguística, isto dificulta que o aluno se torne competente no domínio das variedades linguísticas do seu idioma. Para Faraco (2008, p.73), há diferenças entre a norma culta e norma padrão,

Enquanto a norma culta/comum/ standard é a expressão viva de certos segmentos sociais em determinadas situações, a norma padrão é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referencia, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística.

Ainda conforme Faraco (2008), a norma culta apresenta-se como uma linguagem mais apropriada e funcional utilizadas em situações mais formais de uso do português. É uma variedade da língua utilizada por falantes que possuem alto grau de letramento e que pertence a classe econômica superior. No entanto, a norma padrão faz parte de um conjunto de normas imutáveis para homogeneizar a língua com a intenção de ter o controle social, político e ideológico por aqueles a que aplicam.

Considerações finais

Concluimos, que é necessário promover um ensino de língua que valorize a variação linguística, pois, a língua carrega os valores sociais e culturais de um povo. Portanto, uma realidade a ser alcançada pela Sociolinguística educacional, ou seja, promover um ensino que valorize a heterogeneidade linguística, que permita que o aluno use sua língua materna e a valorize suas particularidades, que promova ampliação do conhecimento linguística através do aprendizado de outras variedades linguísticas.

Para citar:

DOMINGOS, Glaucia Regina Santos. **Resenha Norma Culta Brasileira: Construção e Ensino.** In: Web-Revista Discursividade, Estudos Linguísticos, Volume 28, ISSN 1983-6740, Fevereiro/2025. Pp: 195-198 Consultar no Portal de periódicos científicos da Editora e Livraria Pantanal, <http://ojs.pantanaleditoraeditoria.com.br>